André Pomponet

Festejos juninos em tempos de pandemia

André Pomponet - 17 de abril de 2020 | 21h 20

Toda hora surgem diversas projeções sobre a pandemia do novo coronavírus. Muitos reclamam, julgam-se sufocados pelo noticiário. É verdade: nesses casos, é melhor desconectar-se, buscar ocupações alternativas para a cabeça. O suceder interminável de notícias sobre a doença, porém, apresenta uma virtude. Consultando, selecionando e refletindo, é possível ir mapeando atalhos, preparando-se para o que vem por aí. Afinal, a cada dia torna-se mais evidente que o futuro não será mais como no passado.

Pesquisadores norte-americanos estimam, por exemplo, que shows – com suas consequentes aglomerações de pessoas – só recomeçam em meados de 2021. Caso a projeção se confirme, festas como o São João e o Carnaval do ano que vem estarão comprometidas. Os festejos juninos de 2020, a propósito, já estão sendo cancelados Nordeste afora. É apenas o primeiro ato de um novo mundo que se descortina.

As celebrações juninas no Nordeste tornaram-se megaespetáculos com palcos, canhões de luzes e festejadas atrações musicais. Temperando tudo, grandes multidões. A fórmula – muito lucrativa para quem atua no segmento – alastrou-se região afora. Em junho, milhares de veículos deixam as capitais em direção às cidades que oferecem esses combos festivos, congestionando rodovias, num êxtase regado a licor.

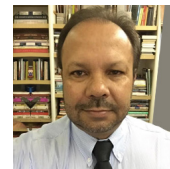
O modelo se sofisticou. Alavancado pelas prefeituras, sepultou a tradição antiga de fogueiras na porta de casa e dos grupos seletos de familiares e amigos reunidos. Naqueles tempos havia o festivo colorido dos fogos, a algazarra infantil, os risos dos adultos. Tudo era mais familiar, mais fraterno, mais alegre. A festa era mais comunitária – a vizinhança se integrava e até organizava forrós – e nisso residia muito do seu encanto.

A mercantilização do São João mudou drasticamente a relação de boa parte dos nordestinos com a festa, que se afastou de suas raízes. Aproximou-se muito do consumismo corriqueiro, com seus combos de atrações, excessos e encenada felicidade. Nela, vê-se semelhanças com o Natal e sua farisaica fraternidade de mercado. O que ainda salva os festejos juninos é aquele autêntico espírito nordestino que sobrevive, apesar da mercantilização.

Pois a pandemia do novo coronavírus vai provocar uma ruptura na lógica do São João nas próximas temporadas. Nada daquelas estridentes superproduções, do estardalhaço visual dos *outdoors* rodovias afora, dos forrozeiros de ocasião. Haverá um retorno àquele passado idílico? Obviamente, não. Mas uma reaproximação não pode ser descartada.

O fato é que o entretenimento de massa foi um dos primeiros a sofrer solavancos com a pandemia. E, ao que tudo indica, sofrerá mudanças significativas a partir daqui. O

CHARGE DA SEMANA

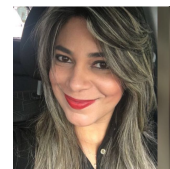
COLUNISTAS

César Oliveira

Brasileiro aglomera poi gosta

Pandemia:pilotando o radar

André Pomponet

Festejos juninos em ter pandemia

A função essencial dos na pandemia

Emanuela Sampaio

Lançamento

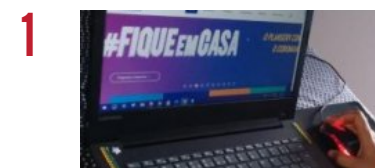
Muito sabor na Páscoa quarentena

César Oliveira- Crô

Desistências

Setembro não é longe

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Planserv disponibiliza mais de 20 servi para beneficiários não saírem de casa

2

Bahia ultrapassa marca de mil casos de coronavírus nesta sexta